

# O andar está em marcha

10 MAR 1996

Vicente Cascione

JORNAL DE BRASÍLIA

No domingo passado escrevi sobre a inquietante dualidade de Fernando Henrique Cardoso, que - ou fala contra o Congresso - pela palavra dele mesmo como sociólogo -, ou se desmente, como lhe convém, pela voz do Presidente.

Nesta semana, outra vez, noticiou-se a afirmação: "é difícil governar com o Congresso", e publicou-se o desmentido em que FHC corrige: "É difícil negociar com o Congresso".

Em artigo anterior, eu dizia exatamente isso: é difícil governar com o Congresso - ressaltando que quando não há plano e ação de governo, é preciso arranjar um pretexto para a inércia; e a tradição revela não haver dorso mais à mão para o pau de aroeira do que o Parlamento. Afinal, os políticos não prestam...

A cada semana fica o dito por não dito, com que o Presidente esfola e assopra a casa que ele bem conhece em sua estrutura, em seus defeitos, em seus vícios, muito embora - modéstia à parte - a atual composição da Câmara e o trabalho que ela produziu em apenas um ano de legislatura (1995) evidenciem ser ela melhor, ou digamos menos ruim, que as outras onde pontificava a figura de seu algoz atual e de vários ministros seus.

É bom repetir, aqui, o seguinte. Primeiro: não se tem notícia de que o senador de ontem e seus escudeiros de ministério tenham se empenhado para promover a revisão constitucional - que deu com os burros n'água, em 1994, quando eles eram parlamentares - com a mesma energia com que exigem a aprovação das propostas de emenda, repletas de vícios jurídicos e de absurdidades de mérito que o Governo remete ao Congresso. Segundo: quase todos os temas da reforma constitucional pretendida pelo Governo (e que o Congresso aprovou com celeridade, a ponto de receber elogios da imprensa, hoje parcialmente desmemoriada) são relativos a pontos da Constituição estabelecidos pelos fortes

da Constituinte (FHC, José Serra, Nelson Jobim), que sustentaram e aprovaram na Carta de 1988 exatamente os princípios e dispositivos que hoje estão demolindo, com o apoio do Congresso, que já lhes atendeu em abundância.

Então, estou perfeitamente convencido de que o Presidente ataca o Congresso como pretexto para levar adiante seu projeto de "fujimorização".

O Presidente sabe que é fácil tornar maduro o momento de trancar a porta do Poder Legislativo, porque a Nação aplaudiria até mesmo, já e agora, a providência. A propaganda negativa conduz o consumidor à idéia do poder descartável. Mas é incrível e até monstruoso que o homem que se apresentou sempre com as cicatrizes da cassação de sua cátedra e com as aventuras do exílio, não seja um irreversível e absoluto defensor da instituição do Congresso que, sabidamente, por pior que se comporte, é como o órgão que, mesmo doente, mantém-se imprescindível e vital para a vida da democracia.

Incrível e monstruoso que, timidamente, o Presidente se desminta dos ataques sistemáticos que faz ao poder de onde se originou e balbucie: "Eu sou um democrata", como se isso fosse uma generosidade momentânea em quem, ao contrário, pela experiência de vida, deveria ter a democracia em suas veias e em seu sistema límbico, de tal modo que não lhe viria jamais a idéia de maldizer a instituição sem a qual a democracia não vive.

Resta-me, portanto, pela atitude de FHC, a fundada dúvida sobre se ele - ao perder a cátedra e ao exilar-se às margens do Sena (do qual não esconde uma certa nostalgia parisiense, e não a teria se o desterro fosse em Lagos, na Nigéria), resta-me a dúvida, eu dizia, sobre se FHC teria sido afastado do caminho pelos Fujimoris caboclos - não por defender os ideais democráticos, mas porque talvez fosse um concor-

rente, que tinha as mesmas intenções de seus adversários.

Não estou me valendo, para a formação de meu juízo, das notícias que trazem ditos e desmentidos, no esfola e assopra que vai produzindo os seus efeitos degeneradores.

O que ouvi do Presidente da República - que ia jogar a Nação contra o Congresso e que via um golpe na linha do horizonte - bate com os ditos que lhe foram atribuídos em sucessivos ataques ao Congresso, apesar dos desmentidos. Pelo menos o que eu ouvi pessoalmente - não se desmente.

Talvez o Presidente venha a ter razão em seu conceito sobre o Parlamento se a instituição, por seus membros, continuar à sua mercê, sem reagir.

Diante do "golpe na linha do horizonte", pode haver, ou não, o acidente de percurso de mais um **impeachment**. Depende da velocidade do andar e do destino que, provavelmente, FHC lhe queira dar. E depende da qualidade de um Congresso que, por seu comportamento diante de seu dever, das necessidades da Nação, e da exigência da autopreservação do regime democrático, responderá se o Presidente tem razão. Se o Congresso cumprir com dignidade e trabalho o seu dever - como a duras penas o vem fazendo -, deverá afastar, prematuramente, do caminho, aqueles que podem personificar a figura do golpe, antes que se atinja a linha do horizonte.

Se não soubermos executar nossa missão e defender a instituição, fechamos a porta do Parlamento e entreguemos a chave ao porteiro do Palácio do Planalto. Mas, repito, portas há em toda parte. E quem entra por uma pode sair pela outra.

PS - Nas suas manifestações, o Presidente desvia-se dos assuntos que realmente interessam. Como o caso do Banco Nacional, por exemplo.

■ Vicente Cascione é deputado federal por São Paulo, primeiro vice-líder do PTB.